



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MANIFESTAÇÕES DE RACISMOS E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Helenice Bastos Batista Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: helenice.bastosh@gmail.com

INTRODUÇÃO

O contexto escolar é um dos primeiros locais que se inicia a socialização do ser humano, desde a formação da criança a sujeitos adultos, e nessa desenvoltura temporal existe um processo de ensino-aprendizagem que está para além dos livros didáticos.

Nessa trajetória, a vida em sociedade carrega valores arraigados e na construção do conhecimento, os conflitos entre sujeitos na escola são desvendados no ato de intimidar em sua maioria, pela coerção e menosprezo. E, nesse contexto social, as manifestações de violência nas relações de interações entre alunos são diversas e os racismos tornam-se práticas insustentáveis nos espaços escolares e exige questionar a origem da violência expressa em palavras, agressão física, exclusão ou até mesmo, o silêncio. Ao analisar essa realidade na prática educacional, emergiu o interesse pelo estudo dessa temática, visando a busca de ferramentas que permitam identificar as causas das manifestações de violência e racismos que, a cada dia, se instala no ambiente escolar, causando danos irreversíveis e amplitude social que requer o constante repensar das práticas pedagógicas e dos conteúdos curriculares.

Este trabalho é um recorte da pesquisa do Mestrado em Ensino em andamento, do Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, que tem como objetivo analisar as relações étnico-raciais entre alunos do Colégio Municipal Selma Nunes, em Macaúbas, observando as manifestações de violências, especificamente, os racismos e de que forma a escola tem (ou não) contribuído no combate a essas questões na sala de aula.

METODOLOGIA

A metodologia qualitativa com apoio de uma pesquisa bibliográfica, tem como base de sustentação teórica, Abramovay e Rua (2002), Candau (1999), Ferreira (2017), Munanga (2005), Spósito (2001), dentre outros que discutem as categorias desta



pesquisa, no entendimento sobre os desafios da educação na contemporaneidade, no combate as violências e, especificamente, os racismos na escola. Para melhor entendimento do tema, foram levadas em consideração, referências que tratam de relações históricas, sociais e culturais na sociedade brasileira e na sala de aula, a exemplo de Tardif (2002).

A violência não é um fenômeno recente, mas um problema social e histórico presenciado em diversas sociedades e, na escola é um fenômeno que assusta a comunidade local. E a escola, parte integrante da sociedade, não escapa desse fenômeno vil. Frequentes episódios nacionais de ações agressivas acontecem dentro e fora do espaço escolar, como, recentemente, ocorreu “o Massacre de Suzano”, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em São Paulo, em que dois estudantes mataram cinco colegas e duas funcionárias, e logo depois se suicidaram por consequência de *bullying* (G1, 2019). Spósito (2001) lembra que a violência nas escolas vem acontecendo em todo o país, se tornando uma questão de interesse público a partir da década de 1980, motivando pesquisas científicas sobre este relevante tópico. Desse modo, a convivência e valores entre alunos é um desafio da prática pedagógica, pois, no contexto escolar, a violência é diversa e se multiplica no seu cotidiano. E, diante das exigências sociais e de práticas pedagógicas para lidar com ações subversivas que alunos vivenciam em seu cotidiano, é preciso encontrar estratégias para combater manifestações de violência nas escolas, especificamente os racismos que a cada dia se intensifica contra o cabelo black power, a cor da pele, origem étnica, dentre outras formas de não aceitar a diversidade e de institucionalização da imagem negativa que a pessoa negra faz de si mesmo, alimentando o branqueamento, de um lado, e a rejeição e negação dos valores culturais negros por grupos diversos e seus colegas na escola. Munanga (2005) e Silva (2005) têm procurado mostrar que estudar as africanidades brasileiras, os legados africanos significa tomar conhecimento, observar e analisar um jeito peculiar de ver a vida, e os racismos precisam ser combatidos por meios de diálogo, práticas pedagógicas e luta pela dignidade própria, bem como pela de todos os africanos e afrodescendentes.

Partindo dos pressupostos que envolvem as escolas públicas, estas são instituições que deflagram uma maior diversidade de sujeitos, em sua maioria, trabalhadores que trazem de seus cotidianos, dificuldades concretas para o aprendizado proposto em sala de aula. Caso as práticas pedagógicas fogem da realidade do alunado,



e a linguagem não seja acessível ao mesmo, a responsabilidade social dessas escolas em propor qualidade na transmissão do conhecimento é falha, gerando uma banalização dos conteúdos ensinados, da figura do professor, do local da instituição, que num processo de problemas em espiral, tem por consequência, além dos racimos, um conjunto de violências, por exemplo, a depredação do patrimônio, e revoltas expressas em violências que revalidam em todos os sujeitos presentes no ambiente escolar. Com relação à depredação escolar, Guimarães (apud Candau, 1999) enfatiza que “as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e a formação de turmas e gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se”. E essa realidade não pode ser obscurecida e sim, desvendada. A prática docente é, assim, uma construção coletiva de aprendizado, que tem por objetivo o desenvolvimento integral das potencialidades do educando, desde as intelectuais, afetivas às criativas. Para Ferreira (2017, p.77) [...] “a educação deve cumprir o papel de uma socialização das novas gerações”. Para que isso aconteça, é de suma importância que a reprodução mecânica e os modelos prontos de atividades sejam substituídos constantemente por situações ‘reais’ de aprendizagem. A escola não pode resolver todos os problemas sociais, esta não é sua função como ambiente de formação, educação e ensino, “mas não pode ignorá-los e menos ainda deixar que permaneçam na ignorância aqueles e aquelas que mais precisam dela” (GUILLOT, 2008, p. 135). Desse modo, o papel do profissional educador é se preparar da melhor forma, abrindo sua capacidade intelectual para compreender a realidade que vive, e a violência que por vezes é expressão da mesma.

Há uma demasiada possibilidade de encarar certas situações de agressividade verbal, psicológica e física que assola a instituição de ensino, muitas delas em consequência dos racismos, no entanto, sem professores preparados para saber lidar com a violência da/nas/contra as escolas, tudo fica mais complexo e difícil como possibilidade de minimizar as situações de conflito e denunciar as dificuldades desses sujeitos no contexto escolar. Diante disso, a mediação crítica e instigante do professor faz diferença no processo de ensino- aprendizagem, tornando as aulas um universo a ser investigado e compreendido, em que a construção do conhecimento possa estar atrelada à prática do cotidiano de forma contextualizada.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência é um fenômeno que tem preocupado pesquisadores e diferentes setores da sociedade e a opção por práticas dialógicas de resolução dos conflitos e a aposta na cultura como espaço-tempo de coexistência tem sido discutida por educadores e pesquisadores (ABRAMOVAY, 2003) e demonstram que estas formas de tomada de decisão na escola, por educadores, podem ser muito mais efetivas no combate à violência do que investimento instrumental em aparatos de segurança que são utilizados pela polícia e outros meios de repressão à violência social.

A criança e o adolescente precisam ser observados e educados em valores e direitos humanos e sociais, pela família, pela escola e pela sociedade de modo geral, para aprender a conviver com a diferença e a diversidade. Combater os racismos entre alunos é uma condição para enfrentar as manifestações de violências no espaço escolar, pois a discriminação de raça e etnia nunca estão isoladas e vem acompanhadas de outros tipos de violência, como a de gênero, religião, classe social, entre outras.

CONCLUSÃO

Na escola, educar para viver valores não é uma tarefa muito fácil. O desafio é desenvolver práticas educativas eficazes que sejam capazes de trabalhar com atitudes agressivas no âmbito escolar e promover transformações, através de debates e diálogos sobre as formas de pensar e agir, formas de respeito, que segundo Mendes (2009) trazem um salto qualitativo para a mudança de perspectivas dos sujeitos vítimas/agressores. Ferreira (2017, p.79) “[...] também traz contribuições à conclusão desta pesquisa quanto diz que a educação é uma arena importante na transformação da sociedade”. A escola deve continuar cumprindo seu papel de educar para a vida, como diz Rodrigues (1992, p. 39), “a educação é do tamanho da vida! Não há começo. Não há fim. Só a travessia. E, se queremos descobrir a verdade da educação, ela terá de ser descoberta no meio da travessia”. Logo, o processo de ação-reflexão-ação constante e de transformação nas práticas educativas com vistas a importância dos estudos, da participação, do diálogo, da reflexão e da coletividade das ações são pretensas maneiras de entender e combater a violência escolar. Os racismos estão dentro da escola, mas também, agem contra a escola e persistem em se esconder por trás das práticas docentes



e escolares, como um fenômeno que tem desencadeado terríveis consequências, como o suicídio, o *bullying*, a evasão, a repetência, o abandono escolar, e diferentes formas de agressão e ataques à escolas, seja com armas de fogo, armas brancas e até palavras agressivas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Escolar; Educação; Racismos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Escolas Inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. ABRAMOVAY, M. (org). Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, zoned, Undime, 2002.

CANAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana. **Educar em direitos humanos: construir democracia**. 2.ed. Rio de Janeiro: DPSA, 1999.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade; VERASTEGUI, Rosa de Lourdes Aguiar; SAKAMOTO, Bernardo. Alfredo Mayta ; KUNHAVALIK, José Pedro .**Violência, diversidade e educação em direitos humanos na escola**. 1. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

GUILLOT, Gérard. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MENDES, Norma Musco. Roma e o Estigma da Violência e Crueldade. In: BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha e José Francisco de Moura. (Org.) **Violência na História**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p. 87- 103, jan./jun. 2001.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Reportagem vista em <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>